

PARQUE DO MEGALITISMO DE ÉVORA: UMA UTOPIA ALENTEJANA

MANUEL CALADO | LEONOR ROCHA
Arqueólogos
caladomanuel@gmail.com | lmprocha@gmail.com

Resumo: Discute-se a situação do megalitismo alentejano, em termos da respectiva interpretação, musealização e divulgação face aos diferentes tipos de públicos. Apontam-se e caracterizam-se sucintamente os programas de algumas experiências nacionais e de internacionais e, finalmente propõe-se explicitamente o interesse da criação de um Parque do Megalitismo de Évora.

Palavras-chave: Alentejo; Megalitismo; Musealização; Divulgação.

1. Introdução

No Alentejo Central e, em particular, nos arredores de Évora, existe um importante acervo de monumentos megalíticos que constituem, em diversos aspectos, um dos conjuntos mais peculiares, à escala peninsular e mesmo europeia.

Destaca-se, antes de mais, a antiguidade dos grandes recintos megalíticos eborenses, atribuíveis ao Neolítico antigo (5500-4500 a.C.); trata-se, provavelmente, dos mais antigos monumentos europeus, a par dos menires da Bretanha e do Algarve.

Os monumentos megalíticos alentejanos, para além de um elevado valor sócio-cultural, beneficiam ainda de contextos paisagísticos muito bem conservados e muito característicos.

Aparte os recintos megalíticos, existe ainda um grande número de estruturas de tipo dolménico —cerca de 800, só no distrito de Évora— com uma grande diversidade, em termos de dimensões, formas, matérias-primas e conteúdos.

Convém aqui recordar que a Anta Grande do Zambujeiro (Fig. 1) é o dólmen mais alto do mundo, e que, só por si, justificava, da parte das autoridades competentes, um esforço de valorização diferenciado. Como sabemos, muitos dólmenes, um pouco por toda a Europa, beneficiaram de acções de restauro e musealização, mesmo quando se trata apenas de monumentos de relevância mediana.

Claro que, para os megalitistas, que são, naturalmente, cidadãos suspeitos nesta matéria, a importância relativa dos monumentos eborenses é indiscutível;

infelizmente, porém, para os não especialistas, esta noção não é ainda evidente.

Na verdade, sendo o megalitismo um fenómeno quase planetário, e sendo impossível recuperar e valorizar todos os monumentos que se conservaram até aos nossos dias, torna-se fundamental estabelecer hierarquias.

2. Megalitismo alentejano: breve história da musealização

Desde que, nos anos sessenta do século passado, foram descobertos alguns dos monumentos mais excepcionais do distrito de Évora (Almendres, Anta Grande do Zambujeiro, Xarez...), foi-se esboçando a ideia de que seria importante musealizá-los.

Na prática, infelizmente, para além de algumas tentativas mais ou menos bem sucedidas de restauro estrutural desses monumentos, e de alguns esforços de divulgação dos mesmos, para o grande público, a ideia nunca foi cabalmente materializada.

Em todo o caso, na década seguinte, apareceram as primeiras sinaléticas e foi elaborado o primeiro Roteiro de tipo turístico-cultural, centrado no tema do megalitismo alentejano (Gonçalves, 1975).

Nos quarenta anos que se seguiram, foram editados novos roteiros, com diversas filosofias, alguns deles apoiados por sinaléticas mais apelativas, mas genericamente insuficientes. Durante este período, foram igualmente efectuadas algumas escavações de investigação que, no que diz respeito aos menires, incluíram quase sempre operações de restauro.

Em paralelo, os principais acessos foram melhorados tendo sido mesmo implantadas algumas estruturas, mínimas, de acolhimento.

Estas acções, articuladas com o crescimento exponencial da procura turística —potenciada pela classificação, pela UNESCO, da cidade de Évora como Património da Humanidade— fizeram com que, hoje em dia, exista uma enorme disparidade entre a (fraca) qualidade das condições de acolhimento, altamente terceiro-mundistas, por um lado, e a quantidade de visitantes, por outro.

Isto, como atrás se referiu, com monumentos de excepcional qualidade.



Figura 1. Anta Grande do Zambujeiro (Évora).

3. Que futuro para este passado?

Em termos gerais, existe algum consenso, entre os principais interessados, no que diz respeito às prioridades.

No caso do recinto dos Almendres, é urgente reorganizar o sistema de acesso, afastando o parque de estacionamento para uma distância razoável, restituindo assim, alguma dignidade mínima ao monumento; em paralelo, importa resolver urgentemente os problemas da erosão do solo (que resultam da elevada densidade de visitantes), na área de recinto (Fig. 2).

Feito isto, que todos consideram fundamental, torna-se relativamente pacífica a ideia de que um monumento com esta importância deveria beneficiar de um arranjo paisagístico integrado, que incluía, naturalmente, as estruturas básicas de acolhimento.

Quanto à Anta Grande do Zambujeiro, a situação é, infelizmente, mais complexa: de facto, a montante das operações de musealização propriamente ditas, é urgentíssimo resolver os problemas de conservação das estruturas e definir uma estratégia de restauro do monumento (Figs. 3 e 4).

Para além das soluções casuísticas que se venham a adoptar para cada um destes monumentos-âncora, é natural que, pelas mais variadas razões, se valorizem e musealizem outros sítios e conjuntos.

Convém recordar que, já há alguns anos, a instituição da tutela criou e tem mantido a funcionar o



Figura 2. Recinto megalítico dos Almendres (Évora).

Circuito Megalítico de Elvas que integra um conjunto medianamente interessante de sítios e monumentos de vários tipos.

Está também em curso um projecto de musealização integrada de outro conjunto de megalitos, no concelho de Mora, por iniciativa da respectiva Câmara Municipal; alguns dos monumentos deste circuito constituem casos únicos, no contexto regional, como



Figura 3. Anta Grande do Zambujeiro (Évora).



Figura 4. Anta Grande do Zambujeiro (Évora).

acontece, por exemplo, com a Anta-Capela de Pavia (Fig. 5) ou com o Alinhamento da Têra (Fig. 6).

Igualmente em fase de concretização, encontra-se o Roteiro Megalítico das Murteiras, por iniciativa da Fundação Eugénio de Almeida; este roteiro inclui igualmente monumentos e sítios notáveis, nomeadamente o povoado neolítico das Murteiras (de elevado interesse paisagístico), as sepulturas proto-megalíticas da Hortinha (uma delas reutilizada na Idade do Ferro) e uma pedreira megalítica.

A concretização destes projectos vai, esperamos, melhorar globalmente o panorama regional, no que diz respeito à valorização e musealização do património megalítico regional.

Numa perspectiva mais integrada, ainda no campo museológico, foi recentemente inaugurado, por iniciativa da Câmara Municipal de Évora, um Centro Interpretativo do Megalitismo eborense. Trata-se de uma estrutura, vocacionada para a vertente turístico-cultural, mas com uma componente pedagógica



Figura 5. Anta-Capela de S. Dionísio (Pavia, Mora).



Figura 6. Alinhamento do Monte da Têra (Pavia, Mora).

dirigida à sensibilização do público local, com destaque para as escolas.

A exposição, baseada em reconstituições (sobretudo maquetes) tem como objectivo principal a construção de um discurso interpretativo sobre o megalitismo regional (Fig. 7), no quadro do megalitismo da Europa atlântica, por um lado, e no contexto das sociedades que o produziram, por outro. São igualmente destacados aspectos específicos, como, por exemplo, a orientação astronómica dos monumentos ou o tema das placas de xisto que constitui uma das especificidades mais notáveis do megalitismo regional.

4. Um Parque do Megalitismo

Os Parques temáticos centrados em temas arqueológicos, são hoje uma realidade relativamente corrente; porém, em Portugal, não existe ainda nenhuma experiência deste tipo, pese embora o sucesso de alguns casos recentes, noutros países europeus (e não só).

O caso que mais se aproxima deste conceito é o do Parque do Côa, cujo Museu, previsto já há alguns anos, se encontra actualmente em preparação.

Em França (<http://cam.daval.free.fr/parcs.htm>), gostaríamos de referir, de forma necessariamente



Figura 7. Pormenor da maquete do Centro Interpretativo *Megalithica Ebor*.

breve, o Parque do Musée des Tumulus de Bougon, centrado precisamente na temática do megalitismo, e o Parc Pyrénéen de l'Art Préhistorique, em Tarascon-sur-Ariège, centrado na arte rupestre paleolítica; ambos foram inaugurados há cerca de 15 anos (Fig. 8).

Num e noutro caso, existe uma relação umbilical entre os parques e conjuntos arqueológicos excepcionais: os dólmenes de Bougon e as grutas pirenaicas —sobretudo as grutas “gémeas” de Niaux (Figs. 9 e 10) e La Vache (Fig. 11), mas também a de Bedeilhac (Fig. 12).

Em termos físicos, ambos comportam estruturas museológicas modernas, alojadas em edifícios concebidos expressamente para o efeito, inseridos em espa-

ços amplos (com áreas na ordem dos 15 ha). De facto, os espaços exteriores prolongam, em articulação com uma série de actividades, os discursos museológicos, mais convencionais, organizados no interior dos edifícios (Figs. 13 e 14).

Na verdade, existe, nos dois casos, uma forte articulação e valorização dos contextos paisagísticos em que os respectivos temas arqueológicos se inserem.

As reconstituições são, naturalmente, um dos elementos essenciais destes parques: destinam-se, por definição, a públicos não especializados e, de forma muito particular, a públicos juvenis. Neste último aspecto, um dos ingredientes mais eficazes são os *ateliers*, abertos à participação dos visitantes, em



Figura 8. Parque de Arte Pré-Histórica (França).



Figura 9. Gruta de Niaux (França).



Figura 10. Vista da actual entrada da Gruta de Niaux (França).

que se reconstituem actividades relacionadas com a temática de cada parque: construção de monumentos megalíticos, tiro com armas pré-históricas (Figs. 15 e 16), pintura rupestre, talhe de pedra (Fig. 17), entre outros (Figs. 18 e 19).

O megalitismo de Évora dispõe, à partida, de todos os ingredientes necessários à implementação de um parque temático:

1. Monumentos e sítios de primeira ordem, no âmbito de um tema com forte procura internacional, em termos de turismo cultural;
2. Monumentos bem conservados, integrados em paisagens naturais de grande qualidade;
3. Évora constitui um destino turístico consolidado, com uma forte expectativa de crescimento.

Note-se, finalmente, que um parque temático deste tipo funciona como complemento da visita



Figura 11. Gruta de La Vache (França).



Figura 12. Gruta de Bédeilhac (França).



Figura 13. Ilustração de acampamento pré-histórico. Parque de Arte Pré-Histórica (França).



Figura 14. Ilustração de uma escavação. Parque de Arte Pré-Histórica (França).

aos sítios arqueológicos, enriquecendo roteiros que, para o grande público, apesar da sua importância

científica intrínseca, se revelam muitas vezes difíceis de apreender.



Figura 15. Atelier experimental. Parque de Arte Pré-Histórica (França).



Figura 16. Atelier experimental. Parque de Arte Pré-Histórica (França).



Figura 17. Atelier experimental. Parque de Arte Pré-Histórica (França).



Figura 18. Atelier experimental. Parque de Arte Pré-Histórica (França).



Figura 19. Réplicas. Parque de Arte Pré-Histórica (França).

Bibliografia

GONÇALVES, J. P. (1975) – Roteiro de alguns megálitos da região de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. 58, p. 3-23.

Resumen: Se discute la situación del megalitismo en el Alentejo en lo que concierne a su interpretación, musealización y difusión ante los distintos tipos de público. Se presentan y se caracterizan sencillamente los programas de algunas experiencias portuguesas e internacionales y, a finalizar, se expone explícitamente la ventaja de la creación del Parque del Megalitismo de Évora.

Palabras clave: Alentejo; Megalitismo; Musealización; Difusión.

Abstract: This paper discusses the situation of megalithic monuments in Alentejo regarding their interpretation, museum disclosure and diffusion amid different audiences. Some national and international experiences are presented and briefly characterized and, finally, the advantage of creating the Evora Megalithic Park is explicitly proposed.

Keywords: Alentejo; Megalithic; Museum Disclosure; Diffusion.

